

Modelo paterno nos seriados “Um maluco no pedaço” (1990-1996), “Eu, a Patroa e as Crianças” (2001-2005) e “Todo mundo odeia o Chris” (2005-2009)

Fatherly model in the series "A crazy in the piece" (1990-1996), "I, the Mistress and the Children" (2001-2005) and "Everybody hates Chris" (2005-2009)

■ Ricardo Cortez Lopes

Resumo

Dados apontam que o Brasil é um dos países que mais registra casos de abandono parental. Paralelamente, é um dos maiores consumidores de seriados americanos negros. Existe, mesmo que remotamente, uma possibilidade de crianças brasileiras negras enxergarem, neles, padrões de comportamento. Promovemos o estudo da figura paterna negra em três seriados que se encaixam nessa descrição: “Um maluco no pedaço” (1990-1996), “Eu, a Patroa e as Crianças” (2001-2005) e “Todo mundo odeia o Chris” (2005-2009). Em cada um deles há uma figura paterna - Tio Phil, Michael Kyle e Julius Rock - e vamos discutir-las e compará-las entre si. A análise incidiu sobre as biografias, no intuito de compreender a formação de suas identidades, e foi viabilizada através da construção de 7 categorias, elaboradas a partir de revisão bibliográfica sobre gênero e raça. A aplicação desse instrumento gerou um quadro sinóptico, cuja análise culminou em nossa reflexão final.

Palavras-chave

Paternidade; Raça; Gênero.

Abstract

Research data indicate that Brazil is one of the countries that registers the most cases of parental abandonment. In parallel, he is one of the largest consumers of black American series. There is, even if remotely, a possibility for black Brazilian children to see patterns of behavior in them. We promote the study of the black paternal figure in three series that fit this description: "A crazy in the piece" (1990-1996), "I, the Mistress and the Children" (2001-2005) and "Everybody hates Chris" (2005-2009). In each of them there is a paternal figure - Uncle Phil, Michael Kyle and Julius Rock - and we will discuss them and compare them to each other. The analysis focused on the biographies, in order to understand the formation of their identities, and was made possible through the construction of 7 categories, elaborated from a bibliographic review on gender and race. The application of this instrument generated a synoptic picture, whose analysis culminated in our final reflection.

Keywords

Fatherhood; Race; Genre.

Introdução

O presente artigo pretende realizar uma reflexão com base em um contexto, esboçando a possibilidade de relação entre dois fenômenos ao explorar a fundo um deles. Pretende partir de dados de abandono paternal no Brasil para investigar outros modelos paternais que possam servir como referência para a construção de subjetividades de quem não possui ou rejeita exemplos.

Mais especificamente, estudamos a circulação de modelos paternais do que é ser um pai em três seriados que obtiveram significativo número de reprises na televisão aberta brasileira - forte indicativo de que eles foram e continuam sendo assistidos por muitos telespectadores. Modelo paternal aqui é entendido como um conjunto de ideias que buscam descrever como é o mundo social a partir de seus parâmetros.

Segundo as pesquisas apreciadas adiante, muitos cidadãos brasileiros acabam convivendo com o abandono paternal, algo que sem dúvida tem consequências para suas formações identitárias. Quando a questão racial é adicionada a esse quadro, há uma complexificação da temática.

As mídias seriados possuem suas próprias características na busca de sua popularidade, que desemboca no sucesso comercial. Nessa busca são acionados verdadeiros repertórios identitários para atrair a atenção do público-alvo:

[...] verifica-se que a televisão brasileira vem exibindo maior número de afro-brasileiros em suas programações e as imagens são recebidas de modo favorável pelas crianças investigadas nos espaços escolares, contribuindo para a construção de suas cidadanias. Os negros famosos mais citados pelas crianças foram: Barack Obama, Michael Jackson, Ronaldinho Gaúcho, Rihanna e Will Smith. Os programas mais assistidos, com personagens negros, são: *Eu, a Patroa e as Crianças*; *Um Maluco no Pedaco*; *Cory na Casa Branca*; *As Visões de Raven*; *Chica da Silva*; *Sítio do Pica-Pau Amarelo* e *Malhação* (OLIVEIRA, 2013, p. 8).

Alguns desses programas citados, além de muito assistidos em seu ano de lançamento (número de telespectadores), são repetidos anos consecutivos e, quando cessada sua exibição, retornam de tempos em tempos para a programação. Dois deles são “*Eu, a Patroa e as Crianças*” e “*Um Maluco no Pedaco*”, que foram transmitidos na emissora Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), a partir dos anos 90. Outro deles é “*Todo mundo odeia o Chris*”, veiculado pela rede Record e que também segue sendo muito reprisado. Cumpre notar que essas produções também são apresentadas na televisão paga, o que é mais uma evidência de sua aceitação junto ao público brasileiro.

Vale notar que esse sucesso contínuo não acontece por simplesmente se tratarem de programas estrangeiros. A rede brasileira de televisão, historicamente, sempre preencheu parte da sua grade com programas estrangeiros:

Isso significa dizer que, mesmo que as séries importadas, vistas aqui pelo termo pejorativo de ‘enlatados’, sempre estivessem presentes nas grades de programação da televisão brasileira desde o seu início, elas vinham como produtos de segunda mão, já exibidos em seus países de origem e retransmitidos aqui meses e mesmo anos depois (SILVA, 2014, p.46).

É exatamente o caso das mídias estudadas, que chegaram muito tardiamente ao Brasil se são consideradas as datas de suas produções e lançamentos. Mas não basta apenas importar e exibir, é preciso adaptar (DE ALMEIDA, 2017); porém nem todas as obras adaptadas são exibidas tantas vezes

como as três já citadas. Os motivos dessa repercussão continuada renderiam um estudo a parte, porém o nosso estudo é sobre os papéis de paternidade que podem ser, potencialmente, um veículo de identidades para indivíduos que o assistem. Nesse caso, a ficção está conferindo padrões comportamentais para vivências reais:

Mas por isso mesmo a ficção pode proporcionar-nos uma imagem viva, densa, colorida - embora indireta e oblíqua - da realidade. Mais do que conhecimento preciso, pode apresentar-nos uma ‘visão’ desse mundo, de modo a podermos participar dele, vivê-lo imaginativamente com uma intensidade que nenhuma leitura científica nos possibilitaria. Ao mesmo tempo, ela tenderá, enquanto ficção valiosa, a comunicar-nos uma interpretação profunda da realidade, às vezes trágica, polêmica, satírica ou humorística, mas isso sempre em termos de experiência vivida (ROSENFELD, 1990, p.17).

Assim, a ficção pode até não apresentar ocorridos literalmente acontecidos (embora “Todo Mundo Odeia o Chris” seja autobiográfico), porém cria um mundo coerente e atraente para ser vivido pelo seu consumidor. Quando participamos desse mundo estamos confrontando nossas experiências prévias com ele, e quanto mais essas experiências coincidem (a imagem da realidade) mais crédito lhe damos em sua verossimilhança, permitindo que cambie nosso comportamento. Nesse caso, a ficção não é só invenção, ou imaginação, ela também ajuda a cristalizar comportamentos. O que torna o personagem viável para estudos das ciências humanas, como o das temáticas que seguem.

Paternidade, gênero e abandono parental

A socialização de quase todos os indivíduos implica a figura do pai, seja por sua ausência, seja pela sua presença. Também na cultura ocidental a figura do pai exerce um papel importante:

Com Totem e Tabu, Freud inaugura sua teoria do fundamento do social e da cultura. E o que diz ele? Afirma que a sociedade nasceu de um crime do qual a humanidade não se libertará jamais: o assassinato do pai da horda primitiva, cometido pelos filhos em conjunto, ao qual seguiu-se a guerra civil entre os irmãos de uma mesma horda. Esse primeiro crime consistiu no mero prelúdio de uma série de assassinatos que parecem ser o corolário normal da existência humana em sociedade (KOLTAI, 1999, p.77).

Ou seja, a autoridade paterna exerce uma influência mais global do que apenas diretamente em seus filhos. A paternidade significa autoridade, e ir contra ela exige um esforço voltado contra a figura, e não apenas contra a pessoa investida da condição de pai. Ademais, quando se menciona o vocábulo “pai” se está atravessando outro conceito, que é o de família. Porém, não se trata apenas de se exercer o papel de doador de metade dos cromossomos, há também um papel que é aprendido ao longo da vida:

Homens e mulheres inserem-se na vida familiar segundo referenciais de gênero, apreendidos ao longo da vida e que determinam funções socialmente legitimadas. ‘Homem, masculino e pai são qualificações que definem um modo de inserção do sujeito na cultura da qual ele faz parte [...] juntas definem um padrão de comportamento a ser seguido pelos homens’ (FREITAS et al, 2009, p.86).

O interessante é que desses padrões geram-se modelos, que dão origem ao pai que será de fato:

Por outro lado, a reprodução social dos modelos masculino e feminino tem em sua base a maternagem, cujo valor cultural tem um sentido ideológico na produção das desigualdades entre os sexos. Entende-se por maternagem ('mothering') e paternagem ('fathering') os cuidados maternos e paternos, respectivamente (FREITAS *et al*, 2009, p.86).

Assim, historicamente, até pouco tempo, "Ao homem, o modelo patriarcal outorgou o poder de estabelecer na trama doméstica o diálogo com a família quando lhe convém, cabendo às mulheres a responsabilidade de manter a harmonia das relações parentais no âmbito privado" (FREITAS *et al*, 2009, p.86). Ou seja, o abandono paterno estava presente em no mínimo uma dimensão, que era a da convivência diária (o que alguns autores chamam de silêncio), pois ao pai cabia o papel público. A dimensão privada, nesse caso, não era de sua alçada, o que ensejou uma configuração de família:

O modelo de família, organizado com base na hierarquia, regido pela severidade de princípios, é substituído por formas diferenciadas de organização, sem deixar lugar para o autoritarismo do antigo pai provedor, que exercia domínio sobre o grupo. A mulher, de modo submisso, tinha os afazeres da casa e o cuidado com os filhos, como ocupação exclusiva (GOMES, RESENDE, 2004, p.119).

Portanto, do pai antigo era esperado que este fosse um provedor silencioso, enquanto a mãe seria a cuidadora por excelência. Cumpre ressaltar que os sempre efervescentes anos 60 do século XX abalaram esse modelo estabilizado por séculos:

Todavia, as transformações sociais que vêm ocorrendo no espaço público e privado, sobretudo a partir da década de 1960, afetaram a forma de viver e de construir a identidade de gênero. No mundo do trabalho, as conquistas do movimento feminista são facilmente observáveis com a inserção das mulheres em atividades antes reconhecidas como exclusivamente masculinas, bem como no espaço privado em que homens compartilham com mulheres os cuidados com a casa e com os filhos (FREITAS *et al*, 2009, p.86).

Ou seja, o abandono privado deixa de ser o esperado e o compartilhamento passa a ser plausível: "Se, de um lado, exigências sociais operam pulverizando a figura do provedor, de outro, as famílias buscam a se organizar, formando casais de dupla renda ou de dupla carreira. Emerge então nova figura paterna, não mais ancorada no poder econômico" (GOMES, RESENDE, 2004, p.120). Isso reorganiza a própria experiencição da condição paterna: "Vale destacar que já não podemos falar em família, no singular, mas sim no conceito de famílias, considerando sua pluralidade e diversidade" (STAUDT, WAGNER, 2009, p.175). Quando um pai exerce o papel de antigamente, o do silêncio doméstico, ele acaba sendo classificado como exercendo o abandono afetivo:

Esse modelo de paternidade é parte de um movimento que se fortalece no presente, negando a predominância das relações tradicionais pai-filho cuja forma de viver a paternidade era pautada no sentimento de abandono afetivo do filho por seu pai. Subjacente a essa afirmação há o desejo de romper os estereótipos que fazem os homens incorporar a 'máscara' de machos, fortes, viris e infalíveis (FREITAS *et al*, 2009, p.89).

Ou seja, o abandono, em verdade, possibilita a distância que faz a manutenção de um papel: “machos, fortes, viris e infalíveis”. Esse pai, no entanto, ainda cumpre com o papel de provedor, diferentemente dos pais que estão completamente ausentes:

O Direito faz a sua parte no que diz respeito ao abandono material, oferecendo mecanismos de cobrança e sanção aos pais inadimplentes em relação ao pagamento da pensão alimentícia. No entanto, o que realmente preocupa, do ponto de vista psicológico, é o abandono psíquico e afetivo que a não-presença do pai infringe à criança (Pereira, 2003). Visto que a parte do abandono material já possui o seu devido respaldo jurídico, “obrigando” o pai a manter-se vinculado – ainda que apenas financeiramente - ao seu filho poder-se-ia pensar se tal medida imposta pela lei teria também um lugar no âmbito afetivo das relações. Esta questão é alvo de muita polêmica e divide opiniões, principalmente após a justiça brasileira ter proferido, recentemente, sentenças determinando que pais abandônicos pagassem indenizações por abandono afetivo aos seus filhos (CÚNICO, ARPINI, 2013, p.36).

Os pais abandônicos, portanto, não possuem nenhum vínculo com os seus filhos, ele estabelece muito fortemente a diferença, a honra (GOMES, RESENDE, 2004, p.120). Eles não passam pelo seguinte processo:

[...] o movimento no qual o homem reinventa seu papel e constrói a subjetividade de pai com nova postura. Queremos encontrar a paternidade que acolhe e convive com o processo de transformações em marcha: o pai que transita entre valores novos e arcaicos. Questionam-se o silêncio e o distanciamento impostos por determinações culturais, através de várias gerações (GOMES, RESENDE, 2004, p.120).

A presença dessa ausência possui consequências para os filhos, que vão além do estabelecimento do Complexo de Édipo:

o autor deste estudo percebe com frequência que as mulheres que vivenciam a experiência de terem sido abandonadas pela figura paterna muitas vezes se engajam em relacionamentos amorosos que parecem ter a função de preencher as lacunas afetivas deixadas pelos pais ausentes (LIMA, 2012, p.822).

A terapia consegue, então, socializar os valores que o pai consegue transmitir:

O encontro terapêutico também tornou possível que as mulheres se libertassem da prisão de serem ‘destinadas ao infortúnio’ por terem vivido experiências de abandono ou má relação com o pai. Enquanto a mulher culpar o pai por todas as mazelas em que se encontra, nada restará a fazer. É preciso que ela aprenda a curar as feridas e conviver com as cicatrizes, assumindo a responsabilidade. Sobre sua vida e buscando em si própria a força, o cuidado e a proteção que ressentido não ter recebido da figura paterna (LIMA, 2012, p.828).

Ou seja, há os valores de responsabilidade e do cuidado, valores que ajudam na formação da maternagem e da paternagem: ‘É esta a presença que irá facilitar à criança a passagem do mundo da família para o da sociedade. Será permitido o acesso à agressividade, à afirmação de si, à capacidade de se defender e de explorar o ambiente’ (GOMES, RESENDE, 2004, p.122). Nesse caso, o pai está habilitando a auto-estima para se colocar no mundo, ou ao menos tomando grande parte nesse processo.

Alguns especialistas afirmam que, atualmente, o Brasil vive uma “epidemia” de abandono paterno (CARASCO, 2018). Os dados levantados referem-se aos pais que abandonam efetivamente o seu filho, mas ainda seria possível adicionar os pais que abandonam afetivamente ou mesmo aqueles que são ausentes por outros motivos, como trabalho ou doenças.

Dessa revisão bibliográfica engendrou-se um quadro, que retrata um pouco do conflito:

Quadro 1: categorias de análise, sua descrição e os indicadores

Categorias de análise	Descrição	Indicadores
Provedor (GOMES, RESENDE, 2004)	Satisfaz as necessidades materiais da família	Bem-sucedido
Infalível (FREITAS, 2009)	Não comete erros	Origem humilde, puritanismo
Macho (FREITAS, 2009)	Capacidades e pensamentos do macho	Autoritário
Forte (FREITAS, 2009)	Protege fisicamente	Paternidade não planejada antes do casamento
Viril (FREITAS, 2009)	Enfrenta perigos	Militância negra
Responsável (GOMES, RESENDE, 2004)	Assume integralmente compromissos	Compartilha tarefas domésticas?
Cuidador (GOMES, RESENDE, 2004)	Conhece necessidades	Família expandida, Casamento estável

Fonte: autoria própria

Das sete categorias, cinco delas são pertencentes as do pai hegemônico pré anos 1960, enquanto as duas últimas são relacionadas com os pais mais contemporâneos. Esse referencial vai ser comparado com os dados em sequência.

Os seriados

É importante ressaltar que os três seriados fazem referência direta a um quarto mais antigo, que é “Cosby Show”, o qual “[...] changed the face of American television and set a new standard for representing African American families in non-stereotyped roles” (HAVENS, 2000, p.371). É interessante aprofundar um pouco mais o enredo desse seriado:

The Cosby Show began on September 20, 1984. The TV public was introduced to Dr. Heathcliff Huxtable, an obstetrician married to an attorney, played by Phylicia Rashad. The couple and their five children lived in a New York City brownstone and were clearly ‘Black middle class’ at a time when that group was beginning to be recognized in the mass media. Indeed, they were upper middle class. The curtain-closing show, ‘And So We Commence’ was on April 30, 1992, and had the extended Huxtable family prepare to celebrate the only son’s graduation from New York University. During its 8-year, 198-episode run, The Cosby Show was lauded as a major milestone in popular entertainment: the first all-Black program that avoided racial stereotyping. Records reveal that the show was the top-rated show of the 1980s and the most-watched sitcom in television history. Bill Cosby, one of the show’s

creators, said he was returning to TV to save viewers from a ‘vast wasteland’. He went on to explain his reasons for creating the show in an interview with Robert Johnson (1992, p. 57), editor of Jet magazine. Cosby told Johnson that he was tired of what he was seeing on television-tired of the car chases, the hookers with the Black pimps. Cosby believed that he could send vital messages along with the positive images of a Black family: Children are the same all over (INNISS, 1995, p.695).

É de se ressaltar que esse personagem é considerado o maior pai da TV (TV, 2014). Os outros seriados fazem ou referências pontuais (Um maluco no pedaço e Eu, a Patroa e as crianças) ou parodiam (Todo Mundo odeia o Chris). Aliás, as primeiras temporadas de Um Maluco no Pedaço são concomitantes às últimas do The Cosby Show. A polêmica na época estava no não alinhamento de Cosby com as lutas raciais.

O primeiro deles é “Um maluco no pedaço”, cujo nome original é Fresh Prince of Bel-Air. O seriado aposta muito na questão racial e mostra o contraste de ambientes experimentado por um jovem negro vindo da periferia da *Philadélfia* (Will Smith) e a família de seu tio (Philip Banks), que iniciou sua trajetória em condição econômica empobrecida, porém atualmente é enriquecida e mora em um bairro rico em Bel Air. Nas primeiras temporadas, o jovem está incorporando todo o movimento negro da década de 1970 para questionar a negritude dos parentes, o que se expressa também em suas roupas e gestual - provavelmente reforçada diante do contexto em que se considera *outsider*. Com o decorrer da história, Will vai se adaptando à família e vai focando sua energia em se tornar autônomo ao mesmo tempo que lida com um mundo que é diferente daquele no qual ele houve sua socialização primária.

O segundo seriado, “Eu, a Patroa e as Crianças” (My Wife and Kids), já não pesa tanto na questão racial: “a série produzida pela Touchstone Television (atual ABC Studios), Eu, a Patroa e as Crianças (2001 – 2005), conta a história de Michael Kyle, um marido carinhoso e um pai moderno que ensina regras de convivência com um estilo diferenciado” (VEILLARD, MALTA, 2018, p.9). O enredo foca mais nas transformações da família contemporânea ao mostrar um pai (Michael Kyle) tentando educar seus filhos com os seus valores, que são diretamente contrapostas aos valores consumistas e narcisistas (solidificado na sua filha Claire) ou do que ele denomina como “cultura hip hop” (incorporada no filho Junior), ao mesmo tempo em que tenta moldar a filha menor, Kady, para escapar desse tipo de influência. Ao longo das suas temporadas, no entanto, o foco vai se deslocando desse conflito edipiano (que é o mote do humor) para um humor mais livre e grotesco.

O terceiro seriado, “Todo mundo odeia o Chris”, é uma paródia dupla: o formato pertence a “Anos incríveis” e o conteúdo é a vida de Chris Rock, em uma versão da sua própria vida (à qual ele narra em *off*):

Traremos isso para possíveis interpretações do corpus, o seriado sitcom Todo mundo odeia o Chris (2005), transmitido entre 2006 e 2016 no Brasil em versão dublada e em TV aberta pela Rede Record. A narrativa se baseia na vida do comediante norte americano Chris Julius Rock III e se passa entre 1982 e 1987 nos Estados Unidos, Nova York. Em síntese, conta sobre um menino negro, Chris, que vive com sua mãe Rochelle, seu pai Julius, sua irmã Tonya e seu irmão Drew em Bed-Stuy, bairro central do Brooklyn na cidade de Nova York. Considerado um bairro muito perigoso, o que, no seriado, é associado à ideia de praticamente não existirem pessoas brancas morando neste bairro. A vida de Chris é retratada em vários espaços, como na escola primária Corleone, onde é o único negro da escola, e no ensino médio na Tattaglia, onde é o único negro da sala. Cada episódio retrata uma situação que Chris passa no dia a dia, seja na escola, no trabalho ou na rua na qual características tidas como

negras são ligadas à estereótipos e modos subalternos de sobrevivência dessa comunidade (DE ALMEIDA, 2017, p.3).

A história mostra o menino Chris Rock, que mora no subúrbio de Nova Iorque, um bairro chamado Bed-Stuy, encarando uma mudança de vida ao ir estudar em uma escola em um bairro italiano, quando começou a tomar contato com a questão racial incorporada na amizade (Greg Wuliger, que era também excluído por ser um *nerd*) e no racismo (Joey Caruso, que é o seu *bullyer*). Com o tempo, as crianças vão crescendo e o enfoque passa a ser o ganho de responsabilidades.

Os Pais e suas biografias enquanto personagens

Na confrontação dos pais estudados com Bill Cosby, já é possível perceber-se algumas regularidades: Michael Kyle possui o conflito com os filhos; Philip Banks possui o seu refinamento intelectual; e Julius Rock é como se fosse a sua versão mais pobre, que não consegue conviver tanto tempo com sua família por causa da situação paupérrima, contextualizando melhor a realidade da maioria dos homens negros americanos.

Em *Um Maluco no Pedaco*, a análise precisa recair não sobre o pai de Will Smith, já que este não assumiu sua paternidade e deixou um vácuo para o protagonista. O foco, então, deve recair sobre Philip Banks. A biografia do personagem indica que ele nasceu em uma fazenda com pais atenciosos, mudou-se para uma metrópole para cursar Direito como bolsista (por ser atleta de futebol americano). Após conseguir seu título, optou por representar pessoas pobres, o que ocasionou que sua renda permitisse morar em um bairro pobre. Sua vida começou a mudar quando fechou um contrato lucrativo com o governo americano, que o enriqueceu e o levou até Bel Air, onde começou também a ser empresário. Posteriormente, tornou-se juiz. Assim, a criação que provém aos descendentes parece sempre estar ensinando os filhos a obterem o sucesso material, instruindo como se defender da questão racial para ser bem sucedido. Ou seja, ser bem sucedido *apesar* da questão racial.

No segundo seriado, o óbvio é analisar Michael Kyle, pois a história é protagonizada por ele. Este também teve uma origem empobrecida, em um bairro pobre da cidade de *Connecticut*, tendo sido criado por uma tradicional família negra, cujo pai seria autoritário. Aos 17 anos engravidou a sua então namorada na escola, Janete, e foi obrigado por seus pais a casar, mesmo que não aprovassem o relacionamento. Michael, então, começou a trabalhar nos correios, porém abandonou o seu emprego para empreender em uma transportadora, chegando a ter 32 caminhões. A sua criação busca mostrar como o mundo é a partir de exemplos práticos (que ao mesmo tempo o divertem de maneira sádica), mais do que por conversas. Ao mesmo tempo, busca contrapor o autoritarismo de seu próprio pai com os “conselhos de família”, o que considera democrático. Assim, a sua criação é na busca do sucesso a partir de uma fórmula fixa. É o sucesso *sem levar* em conta a questão racial.

O terceiro pai é Julius Rock. Este cresceu em uma família numerosa, sendo o irmão mais novo e não possuindo irmãs (o que o fez aprender tarefas domésticas). Cresceu sofrendo diretamente a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, e sempre trabalhou em subempregos. Conheceu a sua esposa e mudou-se com a família toda para um conjunto habitacional, até que resolveram adquirir uma casa em um bairro por conta da criação dos filhos. De Julius é importante ressaltar ser avaro (por causa da pobreza), por ser trabalhador (também por necessidade) e por investir muito do seu escasso tempo na criação de seus filhos. Sua criação é focada na sobrevivência *por causa* da questão racial.

A análise dos elementos dessas séries é realizada na seção seguinte, a partir de um quadro sinóptico.

Quadro Sinóptico

As considerações sobre os perfis à luz das categorias geraram um quadro sinóptico, que segue no quadro 2. Antes de tudo, é importante ressaltar que o único pai que é personagem principal de sua série é Michael Kyle, o que trará implicações mais adiante. O procedimento de exposição dos dados será o de comentar cada um dos indicadores.

Quadro 2: quadro sinóptico

Categorias	Indicadores	Philippe Banks	Michael Kyle	Julius Rock
Provedor	Bem-sucedido	x	x	-
infalível	Origem humilde	x	x	x
	Puritanismo	x	x	x
macho	Autoritário	x	-	-
forte	Paternidade não planejada antes do casamento	-	x	-
viril	Militância negra	x	-	-
responsável	Compartilha tarefas domésticas?	-	-	x
cuidadoso	Família expandida	x	-	-
	Casamento estável	x	x	x

Fonte: autoria própria

Quanto ao primeiro indicador, podemos observar que Philip Banks e Michael Kyle podem ser chamados de “bem-sucedidos” do ponto de vista material (um é juiz e o outro é empresário); já Julius Rock é subempregado e possui duas ocupações, sempre envolvidas com trabalhos manuais e mal remunerados. Dos três, apenas a mulher de Julius também trabalha por necessidade, o que torna uma família moderna no tocante à questão da obtenção de renda.

Em relação ao segundo e terceiro indicadores (da categoria infalível), podemos perceber que todos os personagens possuem uma origem humilde. Philip Banks no ambiente rural, Michael Kyle na periferia e Julius Rock no interior. Assim, dois ascenderam socialmente e o terceiro afirma que era mais empobrecido na infância, além de enfrentar maior segregação racial. Todos experimentaram deslocamento geográfico, porém nem todos experimentaram mobilidade social. Ou seja, os três foram fruto do êxodo:

Com a transferência de aldeões, pessoas do campo, das províncias, do trabalho familiar doméstico e de um estilo de vida próprio para os centros urbanos como mão de obra barata, esses são transformados em ‘outsiders’, recém chegados, considerados ‘de fora’ e sujeitados às leis e normas dos ‘estabelecidos’ com mais facilidade. Trata-se de um desequilíbrio na balança de poder. Passam a ser tachados de baderneiros, preguiçosos e também como não sendo particularmente limpos. Creio que utilizando a teoria de Norbert Elias, podemos configurar os camponeses obrigados a deixar seu modo de vida e suas terras, como ‘outsiders’, diante dos já estabelecidos nos novos centros urbanos, já que de pequenos proprietários que pertenciam à uma comunidade, passam forçosamente a um novo tipo de trabalho e moradia, empilhados em torno das fábricas (UGARTE, 2005, p.4).

Quanto à religiosidade, nos episódios todos eles aparecem frequentando alguma igreja evangélica, assim como sempre está presente a relação que todos nutrem com sexualidade e com o lucro. Todos eles desejam que os filhos não façam sexo, porém são mais enfáticos com suas filhas.

A terceira categoria, do macho, possui o indicador autoritário. Philip Banks é bastante autoritário, o que varia é a reação de seus filhos com relação a esse comportamento. Um deles obedece cegamente, a mais velha o faz também para receber presentes e a terceira busca independência. Já Michael Kyle não é autoritário, porém é enfático em explicar o seu ponto de vista a partir de verdadeiros experimentos sociais, e tenta utilizar a “autoridade do argumento” (DEMO, 2005). Julius Rock também não pode ser chamado de autoritário porque, apesar de utilizar castigos físicos, aconselha mais aos seus filhos com relação às situações vividas.

Ampliamos a categoria “forte” para além da força física, então optamos por simbolizá-la a partir da paternidade não planejada, como o pai lidou com isso - o pai de Will Smith, por exemplo, incorre no abandono. O juiz teve um filho não planejado durante sua maturidade, Nicolas, porém, não se tratou de um problema financeiro como seria para Julius, além de haver a ajuda do mordomo, Jeffrey, no momento do cuidado. Michael Kyle teve o nascimento do seu primogênito como não planejado, mas chegou a citar que todos os seus filhos o seriam também. Julius e sua esposa não experimentaram essa condição em seu casamento, porém o seu medo que seus filhos venham a passar pela situação retrata que esta é um acontecimento recorrente em seu meio.

Quanto à virilidade, a concebemos como a disposição em passar perigos pela família. No caso desses pais, o enfoque foi na militância negra, dado que a questão racial apareceu muito forte ao menos em 2 deles. Philip Banks militou na rua por direitos civis, acionando a esfera pública. Já Julius Rock não tomou contato com essas questões justamente por sua falta de instrução e por ter direcionado seu tempo na sobrevivência material. Michael Kyle simplesmente traça sua trajetória sem aparentemente colocar peso à questão. Ou seja: um opta pela via da esfera pública, outro pela sobrevivência e outro por ignorá-la.

A categoria posterior é a da responsabilidade, nesse caso relacionada à divisão das tarefas domésticas. Philip Banks não precisa desempenhar por conta do trabalho de seu mordomo, a quem paga pelos seus serviços. Michael Kyle conflitua com a sua esposa justamente por conta de sua concepção de que ela deveria fazer o trabalho doméstico (o que é o oposto de Cosby, por exemplo), o que cria conflitos no enredo. O único que compartilha tarefas do lar é Julius Rock, tanto por saber realizá-las quanto pela falta de renda para contratar uma empregada - o primogênito precisar cuidar de seus dois irmãos quando os pais estão ausentes, por exemplo.

A última categoria e os derradeiros indicadores são cuidadoso, família expandida e casamento estável. Philip Banks adotou afetivamente Will Smith e ensina-o tal qual um filho, ou seja: trata-se do cuidado com a família expandida, o que potencializa a sua capacidade de cuidar em relação à

família nuclear. Michael Kyle não demonstra relação fortalecida com a sua família expandida, uma condição que poderíamos chamar de família nuclear insular. Já a família estendida de Julius Rock aparece mais em visitas. Com relação ao casamento estável, todos os pais o possuem, com momentos de conflito matrimonial acentuados.

Podemos observar algumas regularidades nos dados, como Origem humilde, Puritanismo e Casamento estável. Assim sendo, o pai desses seriados investe seu tempo no seu casamento, o que os faz contrariar o pai pré anos 1960, pois não há o silêncio doméstico verificado neste. O pai que mais apareceu nos indicadores foi Philip Banks (em 7 deles), e o que menos apareceu foi Michael Kyle (em 4). Isso aponta um distanciamento temporal com relação a Cosby, visto que parece que ele foi dando lugar a configurações próprias de pais. Esse olhar comparativo pode também incluir a questão de renda: o juiz possui a maior renda e a maior instrução formal, o que o permite contratar o “cuidado” de seu mordomo. Nesse caso, algumas categorias foram exclusivas dele (Autoritário, Militância negra e Família expandida). Assim, ele acaba sendo um pai autoritário por conta de sua crença na militância, o que o torna uma referência para a família expandida - talvez o confronto com a sociedade que considera branca o tenha ensinado as regras para ser bem-sucedido. Já Michael Kyle possui uma renda alta, e a categoria que é apenas sua é a da paternidade não planejada antes do casamento. Assim, ele é um pai “repentino”, que precisa lidar com a sua identidade enquanto lida com questões adolescentes. Já Julius Rock tem como exclusiva a categoria a de compartilhar tarefas domésticas, o que demonstra que sua identidade também passa pelo cuidado direto.

Considerações finais

O presente texto abordou o modelo paterno resultante nos seriados “Um maluco no pedaço” (Philip Banks), “Eu, a Patroa e as Crianças” (Michael Kyle) e “Todo mundo odeia o Chris” (Julius Rock), originalmente projetadas para o público afro-americano das décadas de 1990 e de 2000. No entanto, estas mídias fizeram muito sucesso na televisão brasileira. A investigação foi realizada a partir de categorias - Provedor, infalível, macho, forte, viril, responsável e cuidadoso - e de indicadores - Bem-sucedido, Origem humilde, Puritanismo, Autoritário, Paternidade não planejada, Militância negra, Compartilhamento de tarefas domésticas, Família expandida e Casamento estável. Essas categorias foram confrontadas com os personagens dentro dos enredos, o que gerou um quadro sinóptico. Nesse quadro encontramos categorias compartilhadas e exclusivas.

De uma perspectiva mais geral, esses pais problematizam, no mínimo, a condição paterna face ao sistema, acomodando-se ou opondo-se a ele, enquanto reproduz material e simbolicamente a sua família da maneira mais salutar possível. Isso acontece no confronto com sua família nuclear anterior, o que torna o exercício de ser pai um ato de descontextualização da família. Assim, não é mais um silenciamento doméstico, mas sim uma normatização dotada de padrões de comportamento, os quais a sociedade não consegue mais fazer por si mesma.

Desejamos concluir este texto com três ideias. A primeira é a perspectiva de estudar mídias não para entender manipulação de um pressuposto “povo” ou minorias. O nosso objetivo foi entender parte dos modelos paternos sociais que circulam na sociedade, para entender a origem de alguns comportamentos. Não se trata de generalizar, mas sim de ocasionar que a teoria sociológica possa abarcar mais fenômenos, não recusando a explicação a alguns deles.

Outro ponto que parece de relevância é que a temática da paternalidade cruza os temas de gênero, de raça e de estratificação social. Essas temáticas vão aparecendo porque o pai precisa se submeter a determinadas forças sociais, pois ele precisa participar positivamente de relações de trabalho, de moradia e na busca (ou não) da ascensão na estratificação social.

O último ponto é a importância de se estudar ficção, em especial o personagem. Isso encontra respaldo na literatura: “Enquanto elemento narrativo, a personagem é um ser fictício, mas construído de tal maneira pelo autor que, em muitos casos, esse elemento da narrativa se comporta como uma extensão humana, mostrando que essa categoria corresponde a um arquétipo” (RIBEIRO, 2018, p.3). Ou seja, por mais que o personagem não possua uma historicidade, nem seja uma pessoa de carne e osso que sofra no dia a dia, ele está gerando arquétipos comportamentais, seja por expressar ideias com que o telespectador concorde, seja por inculcar novas possibilidades de ação. E quando se leva em conta casos como o do homem que casou com um personagem (PRESSE, 2018, s/p), a ficção se torna um agente no mundo real e não pode mais ser tratada como desvio dele.

Referências

- CARASCO, Daniela. *"Vivemos uma epidemia social de abandono paterno"*, diz promotor. 2018. Universa. Disponível em: <<https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2018/04/10/vivemos-uma-epidemia-social-de-abandono-paterno-diz-promotor.htm?cmpid>>. Acesso em 08 fev. 2019.
- CÚNICO, Sabrina Daiana; ARPINI, Dorian Mônica. A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. *Pensando famílias*, v. 17, n. 1, p. 28-40, 2013.
- DE ALMEIDA, Ludmila Pereira. Corpos diaspóricos e masculinidades negras: uma leitura de Todo mundo odeia o Chris a partir da decolonialidade. *RELAcult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 3, n. 3, p. 1-7, 2017.
- DEMO, Pedro. *Argumento de autoridade x autoridade do argumento: interfaces da cidadania e da epistemologia*. São Paulo: Tempo brasileiro, 2005.
- FREITAS, Waglânia de Mendonça Faustino; SILVA, Ana Tereza Medeiros Cavalcante da; COELHO, Edméia de Almeida Cardoso; GUEDES, Rebeca Nunes; LUCENA, Kerle Dayana Tavares de; COSTA, Ana Paula Teixeira. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Revista de Saúde Pública*, v. 43, n.1, p. 85-90, 2009.
- GOMES, Aguinaldo José da Silva; RESENDE, Vera da Rocha. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 20 n. 2, p. 119-125, maio/agosto, 2004.
- HAVENS, Timothy. The biggest show in the world': race and the global popularity of The Cosby Show. *Media, Culture & Society*, v. 22, n. 4, p. 371-391, 2000.
- INNISS, Leslie B.; FEAGIN, Joe R. The Cosby Show: The view from the Black middle class. *Journal of Black Studies*, v. 25, n. 6, p. 692-711, 1995.
- KOLTAI, C. Violência e indiferença: duas formas de mal-estar na cultura. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 76-80, 1999.
- LIMA, Antonio Paulo Pinheiro. Mulheres e o abandono da figura paterna: considerações teórico-clínicas a partir da psicologia analítica. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 29, supl. 1, p. 821-830, 2012.
- OLIVEIRA, Leunice Martins de. *Educação e cultura negra: fortalecimento de identidades e de direitos*. 36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO.

- PRESSE, France. *O homem japonês que "casou" com uma cantora de realidade virtual*. G1. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2018/11/12/o-homem-japones-que-casou-com-cantora-de-realidade-virtual.ghtml>>. Acesso em 26 jun.2018.
- RIBEIRO, Rondinele Aparecido. A presença do herói negativo em o berço do herói e roque santeiro. *Revista Água Viva*, v. 3, n. 1, p.1-13, 2018.
- ROSENFELD, Anatol. O Misticismo Popular na Obra de Dias Gomes. In: GOMES, Dias. *Coleção Dias Gomes*. Lisboa: Bertrand, 1990, p. 3-37.
- SILVA, Marcel Vieira Barreto. Arrested Development e o futuro das séries (de tevê?). *Novos Olhares*, v. 3, n.1, p. 42-50, 2014.
- STAUDT, Ana Cristina Pontello; WAGNER, Adriana. Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia-Teoria e Prática*, v. 10, n. 1, p. 174-185, 2009.
- TV Guide's '50 Greatest TV Dads of All Time'. 2014. TVWeek. Disponível em: <<https://www.tvweek.com/in-depth/2014/01/tv-guides-50-greatest-tv-dads/>>. Acesso em: 08/02/2019.
- UGARTE, Maria Cecília Donaldson. O corpo utilitário: da revolução industrial à revolução da informação. *Simpósio Internacional Processo civilizador: tecnologia e civilização*. Anais. Universidade Tecnológica Federal do Paraná: Ponta Grossa, 2005.
- VEILLARD, Larissa; MALTA, Francisco. A representação da identidade negra na telenovela: o outro lado do Paraíso, da TV Globo. *A desconstrução do estereótipo*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Belo Horizonte - MG – 7 a 9/6/2018.

Ricardo Cortez Lopes – Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: rshicardo@hotmail.com.